

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ

EDUCAÇÃO

LINGUÍSTICA

CRÍTICA:

SABERES, PRÁTICAS

E RESISTÊNCIAS

Organização

Patrícia Graciela da Rocha

Fabício Tetsuya Parreira Ono

Susana L. M. Antunes

Mariana Pérez

O dossiê **Educação Linguística Crítica: saberes, práticas e resistências** nasce do desejo de reunir reflexões que tensionem o ensino de línguas em suas múltiplas dimensões sociais, políticas, culturais e ideológicas. Inspirado nas contribuições da Pedagogia Crítica (Freire, 1996; hooks, 2013), da Linguística Aplicada crítica (Pennycook, 2001; Rajagopalan, 2003; Moita Lopes, 2006) e das epistemologias do Sul (Santos, 2010), este conjunto de textos reafirma a educação linguística como prática social situada, atravessada por disputas de sentidos, relações de poder e possibilidades de transformação.

Ao assumir a linguagem como prática histórica e ideologicamente constituída, o dossiê dialoga com perspectivas que compreendem o discurso como espaço de produção e circulação de saber-poder (Foucault, 1996), bem como com abordagens que problematizam a colonialidade do poder e do saber na organização das hierarquias linguísticas (Quijano, 2005; Mignolo, 2008). Nesse horizonte, a educação linguística é entendida não como campo neutro ou meramente técnico, mas como arena de disputas epistêmicas e políticas, na qual se confrontam projetos societários, concepções de língua e modos de subjetivação.

A chamada que deu origem a este número convidava pesquisadoras(es), docentes e discentes a problematizarem o ensino de línguas para além de perspectivas tecnicistas ou meramente instrumentais, compreendendo-o como espaço de formação crítica, de valorização de saberes plurais e de enfrentamento às desigualdades estruturais. O conjunto de artigos recebidos e selecionados demonstra a vitalidade do campo e a urgência de pensar a linguagem como lugar de resistência, (re)existência e reinvenção.

O dossiê se inicia com o artigo de Ana Paula Martinez Duboc intitulado **Educação linguística, decolonialidade e o direito à ideologia heteroglósica e opaca** que, ao articular educação linguística e decolonialidade, propõe o direito à ideologia heteroglósica

e opaca como gesto de ruptura com a tradição monoglóssica e com o ideal ocidental de transparência comunicativa. Ao mobilizar conceitos como colonialidade da linguagem, racismo linguístico e raciolinguística, a autora reimagina o campo dos estudos linguísticos a partir de uma perspectiva crítica que tensiona heranças estruturalistas e cognitivistas, apontando para uma educação linguística outra.

A perspectiva decolonial também atravessa o texto ***Sudestino em cena: discussões sobre decolonialidade, cultura e identidade***, de Willamis de Santana Alves e Daniela Sayuri Kawamoto Kanashiro, que analisa o humor como dispositivo crítico. Ao discutir identidade, cultura e estereotipização da região Nordeste brasileira, os autores evidenciam como produções midiáticas podem subverter narrativas hegemônicas e contribuir para práticas pedagógicas comprometidas com a valorização de vozes historicamente marginalizadas.

No mesmo horizonte de denúncia e resistência, Icléia Caires Moreira e Michelle de Sousa Mussato, em ***O samba como um dispositivo de (d)enúncia do racismo religioso: um discurso descolonizador de pensamento***, investigam a canção como materialidade discursiva capaz de confrontar o racismo religioso direcionado às crenças afro-diaspóricas. Acoradas na Análise do Discurso e na perspectiva decolonial, as autoras refletem sobre como a arte pode operar como contra-discurso e promover fissuras na colonialidade persistente.

A interface entre letramento crítico, feminismo e educação linguística é explorada por Álvaro José dos Santos Gomes e Ana Karla Pereira de Miranda que analisam canções latino-americanas como textos multimodais potentes para problematizar o patriarcado, a violência de gênero e agência. O artigo ***Entre canciones y versos: voces latinoamericanas, letramento crítico e feminismo na educação linguística em espanhol***, além da análise crítica, apresenta proposta didática orientada a tarefas, reforçando o compromisso entre teoria e prática pedagógica transformadora.

A discussão sobre multilinguismo e colonialidade no espaço lusófono é aprofundada por Eduardo Viana da Silva e Flávia Azeredo Cerqueira no texto ***O multilinguismo bué complexo dos países lusófonos***. Ao questionarem o conceito de lusofonia e refletirem sobre a coexistência do português com outras línguas nacionais, os autores convidam a repensar políticas linguísticas e práticas pedagógicas a partir do reconhecimento da pluralidade linguística constitutiva desses contextos.

Em diálogo com o campo do Português como Língua Estrangeira, João Tobias Lima Sales apresenta um estudo qualiquantitativo sobre desenvolvimento lexical de aprendizes em preparação para o CELPE-Bras no texto ***Lexical development of learners of Portuguese as a foreign language***, evidenciando como a ampliação do repertório lexical se relaciona à proficiência e problematizando os limites e possibilidades da aquisição em contexto de imersão.

A educação linguística na infância é tematizada por Fabiana Poças Biondo, Iasmin Maia e Ana Claudia Gauto de Souza Sovernigo que analisam um projeto literário desenvolvido a partir da obra *It is ok to be different*. Sob uma perspectiva autoetnográfica e de letramentos críticos, o texto ***O coração e a razão no discurso infantil: uma análise do projeto literário it is ok to be different*** revela como práticas pedagógicas podem promover revisões de crenças, ampliação de interpretações e uso crítico da linguagem desde a educação infantil.

A questão da inclusão ganha centralidade no artigo de Dilma Mello, Gilmar M. F. Fernandes e Maria do Livramento Rosa, que discutem barreiras e possibilidades no ensino de produção e compreensão oral em turmas com alunos surdos no artigo ***Teaching speaking and listening skills in language classes: barriers and possibilities for deaf students***. Ao articular experiência docente e pesquisa narrativa, o texto reafirma a urgência de uma educação linguística comprometida com a acessibilidade e a justiça social.

O dossiê se encerra com a entrevista “Desafios para o projeto moderno de universidade e para a educação linguística”, um instigante bate-papo com o professor Doutor Daniel Ferraz. A conversa amplia o debate ao abordar formação docente, trabalho colaborativo, universidade e resistência a projetos menos democráticos de educação, reafirmando o papel ético-político da docência no ensino superior.

Conjuntamente, os textos que compõem este número evidenciam que a educação linguística crítica não se reduz a um rótulo teórico, mas se constitui como prática situada, insurgente e comprometida com a transformação social. Ao articular decolonialidade, letramentos críticos, multilinguismo, inclusão, arte, identidade e políticas linguísticas, o dossiê reafirma a linguagem como campo de disputa e como possibilidade de construção de mundos mais justos.

Esperamos que as reflexões aqui reunidas inspirem novas pesquisas, práticas pedagógicas socialmente engajadas e redes de colaboração que fortaleçam uma educação linguística atenta às diferenças, às desigualdades e às potências de resistência que emergem nos mais diversos contextos.

Os organizadores e as organizadoras